

Projeções mais otimistas para ocupação com carteira assinada em 2018 foram reduzidas

Por Thais Carrança | De São Paulo

O mercado de trabalho formal deverá ter em 2018 seu primeiro saldo positivo após três anos de fechamento de vagas, mas o modesto resultado esperado não é motivo de comemoração, avaliam economistas. A estimativa do governo, de geração de cerca de 200 mil vagas com carteira esse ano, não representa nem 10% dos 2,9 milhões de empregos formais perdidos entre 2015 e 2017.

Desde o início do ano, diante dos resultados aquém do esperado da atividade, os analistas têm revisado para baixo suas projeções para o saldo de vagas formais no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) - diferença entre admitidos e desligados no período.

Os mais otimistas chegaram a prever a criação de 1 milhão de empregos com carteira assinada este ano, após o fechamento de 1,5 milhão de vagas em 2015, 1,3 milhões em 2016 e 20,8 mil no ano passado. Agora, a média das projeções colhidas pelo Valor Data aponta para um saldo positivo de 323 mil vagas em 2018, um pouco acima da expectativa dos técnicos

do governo.

Segundo Cosmo Donato, economista da LCA Consultores, ao fim do ano passado, a hipótese da maioria dos analistas era de uma recuperação mais consistente da atividade este ano, com um cenário eleitoral mais definido e a possibilidade de que seja eleito um candidato comprometido com as reformas.

Como em 2017 a recuperação do emprego foi puxada pelos trabalhos informais e por conta própria, a expectativa era de que parte desses trabalhadores fossem formalizados este ano.

À medida em que este cenário não se concretizou, as estimativas para o mercado de trabalho foram corrigidas, acompanhando as previsões para o PIB - que chegaram a 2,9% no início do ano e estão atualmente em 1,5%, conforme o boletim Focus -, e a elevação da incerteza eleitoral. Em dezembro, a LCA previa a criação de 1 milhão de vagas formais em 2018. Agora, espera 250 mil.

Desde o ano passado, Rafael Leão, da Parallaxis, tinha um cenário mais conservador para o emprego com carteira este ano, prevendo em dezembro a geração de 350 mil vagas

em 2018 e, agora, 273 mil. A consultoria projetava um crescimento de 2,3% para o PIB em 2018, revisado para 1,3%. A ociosidade da economia elevada e o processo de desalavancagem das empresas ainda em curso impediriam um avanço mais forte do emprego, acreditava Leão, o que acabou se confirmando.

Para ambos os economistas, o saldo positivo esperado para 2018 não é motivo de comemoração. "O que podemos dizer é que as coisas pararam de piorar - pelo menos paramos de demitir liquidamente -, mas não observamos nenhuma retomada", afirma Donato. "Existe um contingente enorme de quase 3 milhões de vagas fechadas, a esse ritmo, demoraríamos muito para voltar ao auge", diz Leão.

Os especialistas avaliam ainda que o mercado de trabalho formal deve seguir em compasso de espera até as eleições, mas pode ganhar ímpeto, a depender do resultado do pleito. "Se a economia crescer cerca de 3% em 2019, é provável que o saldo líquido de empregos criados alcance o patamar observado entre 2012 e 2013, ou seja, cerca de 800 mil empregos, já no próximo ano", acredita Helcio Takeda, diretor de pesquisa econômica da Pezco.





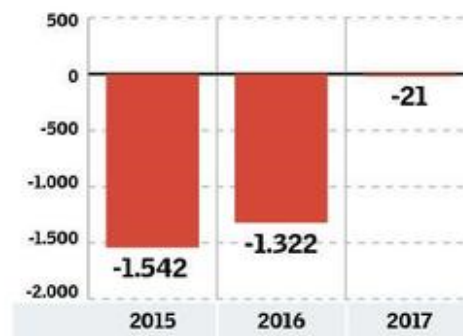
Ajuste de expectativas

Economistas cortaram projeções para mercado de trabalho formal

■ Estimativa para geração de empregos formais em 2018 - em mil

	Em dezembro	Atual
Banco Fator	900	300
Bradesco	500	300
GO Associados	980	400
Ibre-FGV	540	404
LCA Consultores	1.000	250
Parallaxis	350	273
Pezco	652	337
Média	703	323

■ Saldo de vagas com carteira no Caged - em mil



Equipe econômica prevê primeiro ano de abertura de vagas formais desde 2014

Por Edna Simão e Fábio Pupo | De Brasília

Depois de três anos consecutivos perdendo postos de trabalho formais, cálculos da equipe econômica projetam uma reversão do quadro neste ano. A estimativa é de que o país encerre 2018 com a criação de mais de 200 mil postos de trabalho com carteira assinada. A avaliação considera uma expansão do Produto Interno Bruto (PIB) de 1,6% neste ano.

Segundo técnicos do governo ouvidos pelo Valor, a dinâmica do mercado de trabalho é influenciada, com defasagem, pelo ritmo da atividade econômica. Eles consideram que o crescimento do PIB no segundo trimestre de 2018, ante período imediatamente anterior, será próximo de zero porque foi afetado greve dos caminhoneiros mas, principalmente, pela deterioração das condições financeiras (risco-país e taxa de câmbio).

"Mas isso não significa uma tendência de reversão de criação de empregos. A desaceleração no segundo trimestre teve impacto na redução das admissões", afirma um membro da equipe econômica. Para esses técnicos, a destruição líquida de postos formais de trabalho no segundo trimestre foi resultado da atividade econômica mais fraca no início do ano. O desempenho melhor da atividade em junho,

compensando o impacto da greve dos caminhoneiros para a economia, deve fazer com que no terceiro trimestre o crescimento fique acima de 1%.

A expectativa dos técnicos era de que a curva de recuperação da economia fosse mais íngreme neste ano. Mas ela está ocorrendo de forma "mais deitada" e, com isso, a taxa de desemprego deve cair no decorrer do ano mais de forma mais suave. "Neste ano, o crescimento será maior do que no ano passado e, com isso, a taxa de desemprego também será inferior", destacou um técnico do governo.

Com a atividade econômica mais aquecida no fim do ano, o entendimento é que as demissões de temporários em dezembro, que normalmente ficam na casa dos 400 mil, serão menores, contribuindo para um resultado positivo para o mercado de trabalho em 2018.

Os técnicos ressaltam ainda que a retomada do emprego formal tem sido recentemente disseminada em todas as regiões do país, quando avaliados os dados acumulados em 12 meses. Além disso, a reforma feita pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) nas regras para financiamento imobiliário com recursos da caderneta de poupança deve dar um fôlego ao setor da construção civil, um dos que mais sofre com o baixo crescimento, falta de investimentos e insegurança jurídica.

Porém, o entendimento é que uma retomada mais forte da economia, e consequentemente do mercado de trabalho, depende do comprometimento do presidente eleito com a aprovação de reformas como a da Previdência Social. Isso abriria espaço no orçamento para ampliar o investimento público, hoje comprimido pela elevada despesa obrigatória como pagamento de aposentadorias e pensões e salários de servidores públicos.

A equipe econômica destaca que o crescimento da economia não está vindo como era esperado pelo governo no início do ano, quando se projetava um aumento do PIB de 3%. Mesmo assim, o país ainda terá um desempenho melhor do que no ano passado (quando o avanço foi de 1%). Raciocínio que também vale para o mercado de trabalho.

A visão positiva contrasta com os dados de junho, quando o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho, registrou fechamento líquido de 661 vagas com carteira. Foi o primeiro mês com saldo negativo em 2018. No acumulado do ano, no entanto, o saldo está positivo em 392.461 empregos. Mesmo com o desempenho negativo recentemente, os técnicos avaliam que o movimento foi pontual e seguem otimistas de que haverá saldo positivo ao fim de dezembro.

